

GES
PCP

G

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

A Possível Participação de Operários e Patrões num mesmo COMITÉ DE UNIDADE NACIONAL

POR muito que possa surpreender à primeira vista alguns camaradas há **casos muito especiais** em que pode ser constituído um Comité de Unidade Nacional com a participação de operários e patrões. Isto pode dar-se quando os interesses dos operários e patrões (em geral pequenos industriais) se opõem em conjunto à política do governo fascista e aos grandes monopolistas.

Um exemplo relativo à indústria do calçado:

Em consequência da política de traição do governo salazarista, as peles e couros foram roubados à indústria nacional para serem enviados para o Eixo. Isto deu lugar a que muitas pequenas fábricas tivessem que suspender a laboração por falta de matérias primas e que milhares de operários sapateiros fossem lançados no desemprego.

Neste caso, os interesses dos operários sapateiros e dos pequenos industriais coincidem num ponto: operários e industriais estavam interessados no fornecimento de peles e couros e na suspensão da exportação dessas matérias primas para o Eixo. Contra quem era dirigida a luta pelo fornecimento de peles e couros e contra as exportações para o Eixo? Essa luta era dirigida contra o governo

fascista que, pela sua política, conduziu à ruína a indústria do calçado. Era dirigida também contra os maiores inimigos externos de Portugal: "os canibais alemães."

Nestas condições, era plenamente aconselhável a luta conjunta dos operários sapateiros e dos pequenos industriais de sapataria.

Para tal luta seria da máxima vantagem a formação duma Comissão, composta de operários e industriais (e até de pequenos comerciantes atingidos pelas dificuldades da indústria de calçado), que fosse junto do governo e das autoridades exigir o fornecimento de matérias primas e a cessação imediata da sua exportação para o Eixo. Tal comissão deveria também ir aos jornais para que publicassem notícias sobre a situação catastrófica da indústria do calçado e a situação desesperada dos desempregados. Tal comissão seria um verdadeiro Comité de Unidade Nacional, ainda que não usando este nome. Ela poderia auxiliar valiosamente a luta (sob outros aspectos) dos operários sapateiros.

Mas os operários sapateiros não deveriam confiar a sua luta a um tal Comité de Unidade Nacional e deveriam ver este apenas como a expressão orgânica da luta **pelos interesses comuns** a operá-

rios e industriais, interesses esses que chocam contra a política fascista de traição.

Mas além destes interesses comuns, os operários sapateiros têm interesses próprios, como subsídio aos desempregados, readmissão no trabalho, etc. Assim, ao mesmo tempo que a luta pelos interesses comuns de patrões e operários devia ser conduzida pelo referido Comité de Unidade Nacional, os operários deveriam intensificar e

organizar a luta pelos interesses da classe. Para tal deveriam ser formados comités operários, deveria interessar-se na luta o Sindicato Nacional respectivo, etc. Esta luta pelos interesses da classe é dirigida evidentemente, não só contra o governo fascista, mas também, contra o próprio patronato, exigindo trabalho, subsídio aos desempregados, etc. Mas o facto

(Continua na pag. 6)

TAREFAS dos

Camaradas e Simpatizantes Intelectuais

AS experiências do nosso trabalho partidário, sobretudo depois da reorganização do Partido, vieram demonstrar, mais uma vez, que em certos casos e dadas algumas circunstâncias especiais, os camaradas e simpatizantes intelectuais podem ajudar o Partido a ligar-se aos operários e camponeses. Em certo ponto do nosso país, por exemplo, em virtude da compreensão deste problema, e dada a situação especial porque se passava, o Partido pôde, por intermédio de alguns camaradas intelectuais, ligar-se a vários operários e criar uma série de condições para encetar um bom trabalho massivo.

Por tudo isto é preciso que todos os camaradas e organizações do Partido dediquem a este aspecto do nosso trabalho a máxima atenção sem esquecer as próximas férias em que os camaradas e simpatizantes intelectuais podem dedicar a este trabalho um maior cuidado. Para ajudar o nosso Partido a alargar a sua influência e organização, os camaradas e simpatizantes intelectuais, quer no seu labor quotidiano quer no período

de férias, devem orientar-se pelos seguintes pontos:

1.º — Entrar para sócios de organizações desportivas e recreativas — especialmente para as que têm um maior número de operários;

2.º — Procurar aproximar-se dos operários e camponeses por meio de aulas, leituras ou por quaisquer outros meios úteis à vida destes, conseguindo assim captá-los e ligá-los ao nosso Partido;

3.º — Procurar por meio da sua actividade profissional merecer a confiança de operários com quem porventura possam contactar, fazendo com que eles possam vir a ser, pelo menos, pontos de partida para chegarmos a outros lugares massivos e de trabalho;

4.º — Averiguar se entre as suas relações antigas ou actuais há algum operário ou camponês, começando, caso haja, por fazer junto deles um trabalho de educação e esclarecimento com o objectivo de os tornar capazes de defenderem os interesses da classe a que pertencem, que são os seus próprios interesses.

MOBILIZEMOS AS MULHERES

DOS vários problemas que o Partido tem que resolver, um dos mais importantes é, sem dúvida, o problema da mobilização das mulheres.

Pese a todos os militantes que dizem que é impossível o trabalho entre estas, ele tem de ser realizado. **A sua participação na luta do povo português contra o fascismo salazarista tem que ser conseguida custe o que custar.**

Ela não só é possível como provável, se soubermos encontrar as formas justas de as chamarmos à luta como nos mostra a experiência do último movimento da classe operária de Lisboa, a acção decidida das camponesas de Macinhata da Seixa, Ul, S. João, Trevões, etc., contra as exportações para o eixo e a falta de géneros; a valentia das camponesas de Vila Franca na luta contra o decreto fascista que condena os camponeses à fome; enfim a atitude desassomburada das mulheres nas «bichas» em todo o país. Quando do movimento operário de Lisboa em Novembro é, em grande parte, devido à atitude decidida das mulheres que se deve o alastramento da greve, iniciada nas Construções Navais, às outras empresas da mesma área. O mesmo podemos dizer das operárias da Tabaqueira e da Fábrica Nacional de Cortiças (discos) referente à área do Poço do Bispo-Beato-Xabrega, a cuja participação na luta se deve a adesão doutras empresas, tais como: Magalhães, Nacional de Tabacos, etc.

A participação activa das mulheres na luta fortalece e estimula a vontade de lutar nos trabalha-

dores, empresta à luta um carácter mais decidido, mais firme.

O problema que se apresenta, pois, é que a sua participação na luta não apareça dum forma esporádica e ocasional, mas sim organizada.

Como consegui-lo?

Em primeiro lugar devemos combater a forma esquemática e sectarista como alguns dos nossos militantes tentam resolver a questão. Assim, ao ser-lhes posta a tarefa do trabalho entre as mulheres, abordam este problema dum forma mais ou menos conspirativa e no sentido de as trazer até às organizações ilegais. Fracassado este intento, se é que chegou a ser posto em prática, dão-se estes camaradas por vencidos e convencidos que nada é possível fazer entre as mulheres. Estes camaradas não compreendem que são eles que não têm sabido encontrar as formas justas capazes de as trazer à luta, de as organizar.

As mulheres trabalhadoras devem ser abordadas por nós, principalmente nos locais de trabalho, não sob um aspecto conspirativo, mas dum maneira clara e aberta acerca da exploração de que são vítimas, dos vexames de que são alvo por parte dos patrões, da falta de géneros, etc., tudo isto acompanhado de sugestões de como resolver estes múltiplos problemas.

Devemos saber aproveitar com habilidade os casos mais revoltantes e inculcar-lhes a ideia de solidariedade não só para com as suas

(Continua na pag. 6)

TRABALHO CONSPIRATIVO

Foi o mau trabalho conspirativo sob o seu duplo aspecto: má montagem conspirativa do trabalho e não observância das regras conspirativas, que permitiu à polícia atingir-nos tão duramente como atingiu em 1942 (prisão de Júlio Fogaca, Militão, Pires Jorge, Pedro Soares e outros camaradas). Impunha-se uma «vida nova» em matéria conspirativa e foram tomadas medidas severas.

Julgamos não oferecer dúvidas de que o trabalho conspirativo do Partido, em todos os escalões de Direcção, melhorou duma maneira sensível nos últimos meses. Isso pôde verificar-se, não só pela adopção de mais perfeitos métodos conspirativos de trabalho, como pela execução duma inflexível disciplina partidária. É certo que alguns camaradas dos quadros não estiveram à altura de cumprir as novas exigências do trabalho conspirativo, continuaram com os seus velhos hábitos de descuidos e negligência e tiveram, em consequência, que sofrer fortes sanções que foram, em alguns casos, até ao afastamento dos quadros de direcção. Mas a inflexibilidade disciplinar em matéria conspirativa está dando os seus frutos. Pode dizer-se que todos os camaradas dos quadros compreenderam que as medidas enérgicas, e em certos casos «radicais», tomadas pelo Secretariado, correspondiam às necessidades de defesa do nosso Partido. Todos os camaradas dos quadros compreenderam que o trabalho conspirativo é uma questão de vida ou de morte para o Partido.

Mas, se um grande melhoramento do trabalho conspirativo se ve-

rificou nos quadros de Direcção, continuam a existir certos perigosos hábitos rotineiros nas organizações locais e de base. Estes escalões continuam adoptando métodos de trabalho que se revelaram incapazes de nos defender convenientemente das ofensivas policiais. Muitos camaradas continuam relaxando os cuidados conspirativos, julgando que estão a coberto da acção da polícia, pelo facto de terem cometido grandes asneiras conspirativas e apesar disso... não terem ainda sido presos.

É absolutamente necessário que os progressos verificados nos quadros de Direcção se estendam a todos os quadros do Partido. É necessário que em cada escalão do Partido se revejam os métodos conspirativos de trabalho, se exija de facto o cumprimento rigoroso das regras conspirativas e se aplique uma inflexível disciplina nesta matéria.

ESCLARECIMENTO

ALGUNS camaradas e simpatizantes perguntam-nos como interpretar as palavras de ordem do Partido quando dizemos: «organizemos as massas contra a falta de géneros», «organizemos a luta por melhores salários», etc., etc.

Naturalmente, quando falamos em organizar as massas contra isto ou contra aquilo, não quer dizer que se devem interpretar no sentido que geralmente se lhe dá na fraseologia militar, isto é, que as massas devem seguir-nos inconscientemente, sem vontade própria.

Elas devem ser interpretadas no

DISCIPLINA PARTIDÁRIA

O Secretariado do Comité Central torna pública a resolução seguinte:

Teodoro da Silva Salvador, de Castro Marim, era membro do Partido, na organização do Baixo Alentejo, na qual tinha responsabilidades de direcção. Este elemento serviu-se do nome do Partido para arrastar, sem conhecimento do Partido, alguns camaradas para uma organização ilegal, em que apparecem a acção suspeita de Vasco de Carvalho e C.^ª. Nessa organização houve prisões em massa no primeiro semestre de 1942, prêsões essas que atingiram a organização partidária da região de Beja. Salvador foi prêsão e denunciou toda a organização que conhecia. Foram-lhe ainda encontrados endereços de camaradas de outras localidades que foram igualmente presos. Alguns destes portaram-se também duma forma indigna na policia, destacando-se entre eles: José Marujo; Prim da Costa Margal, de Ourique; José Joaquim Rodrigues, de S. Tiago de Cacem; José Eduardo Chinita, de Beringel (este com a agravante de ser a segunda vez que foi prêsão).

Continuando a sua acção de depuração do Partido de todos os cobardes e traidores e de elevação do nível combativo e revolucionário de todos os escalões do Partido, o Secretariado resolveu **expulsar do Partido: Teodoro da Silva Salvador, José Marujo, Prim da Costa Margal, José Joaquim Rodrigues e José Eduardo Chinita**.

Alguns camaradas, que estiveram afastados do país e não acom-

panharam a vida do Partido nos últimos anos, perguntam ao Secretariado do Comité Central qual a situação do antigo militante do Partido **João Seguro**, que viveu longos anos no estrangeiro.

Queremos esclarecer que esse elemento **foi expulso do Partido em 1936** e a sua expulsão foi tornada pública no «Avanté!» da 3.^ª quinzena de Janeiro de 1937 (n.º 67, II série).

Já em 1934, João Seguro tinha sido afastado pelas seguintes razões: a) — Em 1932, sendo dirigente da Federação dos Transportes, abandonou a actividade e saiu do país sem autorização dos organismos a que pertencia; b) — Na Federação dos Transportes e nas Juventudes Comunistas praticou irregularidades em questões de dinheiro.

Mas, em 1934, voltando a Portugal, e dado que se não encontravam presentes os camaradas que conheciam estas questões, João Seguro «justificou-se» e saiu de novo para o estrangeiro, desta vez autorizado. Aí não conduziu nenhuma actividade como membro do Partido pelo que deixou de merecer confiança para quaisquer tarefas de responsabilidade. Vivia à custa da «solidariedade» individual, indigna dum comunista e que comprometia o prestígio do Partido. Em 1936 o Comité Central resolveu que João Seguro em virtude da sua conduta no país onde se encontrava, regressasse a Portugal ou fôsse ajudar o povo espanhol na sua luta heroica. Seguro recusou-se e preferiu continuar a sua vida pouco séria «demonstrando mais uma vez não estar disposto

(Continua na pag. seguinte)

ESCLARECIMENTO

(Continuação da pag. 4)

sentido da popularização e convencimento das massas das formas como devem ser encaminhadas as acções que deverão levá-las à conquista dessas reivindicações, primeiramente, e depois do momento de as pôr em prática.

Assim, por exemplo, quando em determinada imprensa nós dizemos que os nossos militantes devem organizar os trabalhadores para lutarem por melhores salários, isto quer dizer que os nossos militantes devem criar a idéia entre todos os trabalhadores de que a vitória estará dependente, em última análise, da forma como essa luta for conduzida, da maneira como for dirigida, da existência ou não existência de organismos de direcção e da forma como eles foram constituídos, etc., etc.

Depois de hábilmente popularizadas as formas organizativas que deve tomar essa luta e criada a idéia dessa necessidade, cabe aos membros do Partido em especial, e aos trabalhadores conscientes em geral, materializar as idéias já aceites por todos os trabalhadores, ou pelo menos, pela sua maioria.

A POSSIVEL participação de Operários e Patrões

(Continuação da pag. 2)

desta luta ser dirigida contra o próprio patronato não exclue a necessidade do Comité de Unidade Nacional de que falamos (composto de operários e patrões) para defender os interesses comuns dos operários e patrões contra o fascismo (fornecimento de matérias-primas, suspensão das exportações para o Eixo).

DISCIPLINA PARTIDÁRIA

(Continuação da pag. anterior)

a servir o Partido, mas sim a servir-se do Partido para viver no estrangeiro» («Avante!» n.º 67).

Além disso, João Seguro ficou com quantias, produto de subscrições de operários portugueses antifascistas residentes em França, destinadas aos presos antifascistas em Portugal e conduziu uma intensa campanha de intrigas e calúnias contra o Partido e o Comité Central.

Foram estas razões pelas quais João Seguro foi expulso em 1936.

João Seguro encontra-se actualmente em Portugal, vivendo, segundo nos consta, em Sintra. Dirigiu-se aí a alguns indivíduos falando em nome do Partido, o que é um claro acto de provocação.

Mobilizemos as mulheres

(Continuação da pag. 3)

companheiras de trabalho, como também para com todos os trabalhadores em geral. Com êste fim deve-se-lhes dar exemplos de outras mulheres, que pela sua actividade se tornaram dignas de menção e cujo exemplo possa servir de modelo.

Mas tudo isso será inútil se os nossos militantes não forem, nos locais de trabalho, uns verdadeiros defensores das reivindicações das suas companheiras de trabalho.